

ARTESÃOS E STATUS NA PÓLIS DOS ATENIENSES

Neyde Theml*

Résumé

Cet article cherche les artisans et la formation des hiérarchies sociales dans la pólis des athéniens.

A questão relacionada à nossa pesquisa¹ está inserida nos processos de diferenciação social. Tal fato nos leva às seguintes perguntas: Como as categorias sociais se organizam e estabelecem hierarquias? Quais os elementos de hierarquização? Por que a riqueza material não promove uma ascensão no *status* social de uma categoria ou de uma pessoa na *pólis* dos atenienses?

Podemos considerar que na *pólis dos atenienses*, os artesãos formavam grupos socioprofissionais diferentes, caracterizados por práticas, habilidades manuais e riqueza distintas. Os artesãos atenienses que fossem cidadãos tinham direitos e deveres para com a *koinonía política* como qualquer outro cidadão e de acordo com a sua riqueza anual pertenceria a uma hierarquia legal que eram as classes censitárias.² Este fato produz uma situação de diferenciação em relação ao seu lugar e de certa forma ao seu prestígio social. Eles, de acordo com sua riqueza anual, poderiam estar entre as quatro classes censitárias como a dos *pentacosímedimnos* ao dos *thetái* e desta maneira eram cidadãos mas possuíam encargos diferenciados para com a *pólis*.³

* Professora doutora titular de História Antiga do LHIA/IFCS/UFRJ.
E-mail: neydeheml@webcorner.com.br.

Artesãos e agricultores aparecem juntos, desde Solon, hierarquizados pela riqueza a fim de manter a *autarqueia* da *pólis*. No entanto, os textos vão apresentar uma outra forma de hierarquização entre cidadãos agricultores e dos cidadãos artesãos. O cidadão camponês poderá ser chamado de *kalos kagathos*, mas um artesão, mesmo que exerça uma função pública, será um *banausikás téchnas ergazesthai*.⁴ Esta qualificação promove uma outra hierarquia, aquela que se refere ao prestígio do cidadão. Para este aspecto de hierarquização podemos observar diferentes situações que promovem o prestígio e o *status*.

O primeiro elemento que se deve considerar, na formação de prestígio, é que a *pólis* não é uma organização política que se baseia no valor e nas virtudes do trabalho, como este é entendido nas sociedades ocidentais contemporâneas. O segundo elemento está relacionado ao conceito de riqueza⁵ que não remete nem a capital e nem a lucro. Observa-se que os que agiam por conta própria, que possuam sua própria oficina e os que estavam a serviço de outro ficavam socialmente na mesma posição social, como numa aparente posição de igualdade. Isto porque, considerava-se que os que possuíam os instrumentos de confecção, a matéria-prima, a prática, o talento e as habilidades manuais especializadas produziam artefatos, objetos, coisas que carregavam com elas parte da sua virtude, não importava se trabalhassem por conta própria ou por prestação de serviço. Ou seja, qualquer artefato remetia ao seu criador e ambos estavam fora das *coisas da natureza*.

O terceiro aspecto está em que algumas atividades artesanais eram realizadas no interior de uma oficina, no centro urbano, protegidos pelas muralhas ou no interior da própria casa do artesão, num espaço que desse acesso direto à rua.⁶ Este fato faz com que todos aqueles que não *trabalhassem* ao ar livre – na terra, no dizer dos atenienses – tenham a pele branca, como as das mulheres, e eram chamados de forma pejorativa de artesãos *bánausoi*.⁷ Era um tipo de trabalho igualado ao das mulheres no *gineceu* e que alterava o seu corpo, tornando-o fraco, débil, incapaz de se tornar um bom guerreiro. Por outro lado, o corpo alterado levava à alteração da alma.⁸

A gerência da produção do artesão seja na sua casa ou na sua oficina seguia os mesmos princípios da organização política, isto é, produzir artefatos belos e de qualidade para a *koinonía*. As necessidades da sociedade eram limitadas, ou seja, produzir uma quantidade de objetos já conhecida previamente pelo artesão e para o *bem-estar* da comunidade. A especialização do artesão apareceu para tornar o produto melhor e não para aumentar a

quantidade do que se produzia ou abrir novos mercados, e mais, o produto do artesanato é qualificado pelo usuário.

Na oficina admitia-se o trabalho de artesãos por jornada ou tarefa; artesãos que possuíssem seus instrumentos de trabalho ou somente sua habilidade renomada; homens livres (cidadãos ou estrangeiros domiciliados) e escravos. Dependendo do que se produzia a oficina, podia se organizar de forma vertical, ou seja, várias oficinas separadas, cada uma cumprindo uma etapa para se chegar ao produto final ou ainda de forma horizontal, ou seja, numa só oficina se confeccionava todo o produto e se especificava para quem se destinava o produto final e sua quantidade. O êxito de uma oficina estava na habilidade dos artesãos, na segurança das vendas e no acesso à matéria-prima. As oficinas estavam diretamente ligadas aos seus clientes internos e externos e a relação mais segura era aquela estabelecida no interior da *pólis*, entre o campo (*chôra*) e a cidade (*ásty*). A distribuição do produto poderia se feita na própria oficina ou em retalho na *agorá*, ou em grande escala pelo porto. O preço do produto estava ligado ao *valor de uso* e gerenciado pela *pólis*, através da fiscalização na *agorá* e no porto. O próprio artesão poderia ir a *agorá* ou um pequeno comerciante (*kapelikós*) ou um grande comerciante, ou comerciante de longa distância (*emporikós*) o fazia por ele.

A *pólis* dos atenienses tinha um centro urbano com um grande número de oficinas, por exemplo, ao noroeste da cidade, no interior da muralha estavam as oficinas dos oleiros no bairro (*dêmos*) do Cerâmico que produziam vasos para uso diário, mas fabricavam os recipientes para transporte do vinho, do azeite, do mel, dos perfumes, dos cereais que eram produzidos no campo, mas que dependiam destes artesãos e dos comerciantes. Ao lado das oficinas dos oleiros estavam as dos ferreiros que faziam espadas, escudos, elmos para a infantaria ateniense ou tripodes para as cozinhas ou para os rituais; as facas especiais para sacrifícios de animais, as foicinhas e instrumentos para o trabalho nos campos. No porto do Pireu as oficinas de construção e reparação de navios fizeram com que aparecesse um novo centro urbano e planejado diferente do que havia acontecido com o centro de Atenas em torno da Acrópole; na região do Torikos as minas de prata levaram a formar um outro centro urbano para atender aos mineradores e aos concessionários das minas de prata. Cada centro urbano que se formava indicava a existência de artesãos com os mais diferentes ofícios e de vários tipos de comerciantes. Portanto, os centros urbanos não eram meros consumidores e nem surgiram exclusivamente para gerenciar o culto ou as instituições políticas.

Fica claro que, os artesãos fossem cidadãos ou estrangeiros domiciliados ou mesmo os escravos estavam na sua maioria no centro urbano, o que produziam estava intimamente ligado com a produção do campo ou com suas necessidades da *koinonía*. Desta forma, existiu uma relação simétrica entre o campo e a cidade em relação aos produtos que circulavam na *pólis*. Alguns artesãos se tornaram famosos por sua habilidade, sejam como pintor de vasos, escultores, construtores, ourives, cunhadores de moeda, gravadores em pedra ou metal, fabricantes de ânforas, fabricantes de flautas e outros ofícios. Mas, se todos reconheciam a necessidade do artesanato, a habilidade do artesão e a qualidade dos produtos, por que o seu prestígio social era menor que o do agricultor? Iremos destacar três elementos que reforçam a hierarquização e o desprestígio dos artesãos na *pólis* dos atenienses frente aos *georgof*.

O primeiro fator de reforço de *status* está relacionado ao *valor de uso* do produto.⁹ Isto significa dizer que entre o artesão (produtor) e o usuário (comprador) existe uma relação de dependência do artesão, pois é o usuário quem vai dizer se o produto é bom e de qualidade; se irá comprá-lo e por que preço. Assim o trabalho do artesão aparece como um ofício, neste sentido era entendido da seguinte forma: *fabricar um objeto era uma coisa, mas o uso deste objeto era outra coisa*. Quem conhecia o produto era quem o usava, portanto o trabalho do artesão era um serviço. O artesão vendia o seu produto, não o seu trabalho. No seu produto estava o seu talento e não no seu trabalho. Sendo assim, o artesão aparece socialmente como um instrumento ao lado de suas ferramentas, seja ele livre ou escravo. O ato de produzir do artesão está na forma final do produto e não no esforço que dispensou para fazê-lo. O artesão e o que ele fabrica são considerados como serviços que se presta a comunidade e não como transformação de algo pelo trabalho.¹⁰ A ação (*práxis*) é da pessoa que sabe usar o produto e este fato se sobrepõe a *poíesis* (*criar*) e a *téchne* (*saber fazer*) do artesão. A *poíesis* e a *téchne* do artesão visavam trazer o prazer/felicidade ao usuário e não atender exclusivamente à necessidade dele (consumidor). Quando se diz *poíesis* significa dizer fabricar/criar através da força mecânica do homem e de seus instrumentos que nada mais são que o alongamento dos seus braços ou de suas pernas e de sua força muscular. Por exemplo, a roda do oleiro é acionada por seu joelho, o pincel do pintor se movimenta por sua mão habilidosa. A palavra *téchne* quer dizer um conjunto de conhecimentos adquiridos pela prática, que se aprende vendo e fazendo por etapas, para que se desenvolva a habilidade e a experiência para fabricar alguma coisa bela e de qualidade. A *téchne*, este conhecimento prático de

saber fazer, se constitui nas regras de qualquer ofício especializado. Os autores antigos diziam que existia três espécies de *technai*: a da utilização (a flauta e o flautista), a da imitação (a produção de flautas numa oficina) e a da fabricação/criação – uma flauta pronta para um flautista – o usuário. O flautista era quem conhecia o seu uso e vinha qualificar o produto de bom e belo e dizer o preço. Desta forma o artesanato está a serviço de outrem e da comunidade. Daí ele passava a ser considerado como *mistharnía* – um serviço prestado em contra partida ao pagamento em moedas. Por estas condições que apresentamos, podemos verificar que o artesão tinha uma relação de dependência ao usuário, mesmo que fosse rico, daí seu prestígio social ser menor que o do agricultor que não depende de outro homem para avaliar o produto final do seu esforço, do seu talento ou ver diminuído o seu *tempo livre* disponível a comunidade cívica.

O segundo aspecto do *status* diferenciado do artesão na *pólis* estava na própria representação do mundo criada neste tipo de sociedade. De um modo geral, tanto os camponeses, os artesãos e os comerciantes não transformavam a natureza, eles desejavam continuar com a harmonia e com a ordem desta natureza. Os homens das *póleis* não tinham como objetivo criar necessidades e valores que os diferenciassem um dos outros por sua atividade ou pelo seu esforço pessoal, desta forma os ofícios correspondiam a talentos diferentes, mas cada um se situava num lugar hierarquizado, mas esta hierarquia estava ligada a concepção de *harmonia e proporção justa* em relação ao *todo* que, neste caso, era a comunidade de cidadãos, a *pólis*. Portanto, socialmente o artesão não é um produtor, ou um *trabalhador*. Seja qual for o seu ofício ele estava numa relação de dependência com o usuário e numa relação de serviço de duplo valor: de uso e de troca. Sua habilidade aparecia na transação da troca e seu *status* de cidadão ficava comprometido como daquele homem que não era totalmente livre, mesmo que ele fosse rico não dispunha na sua integridade da *scholé* exigida pela *pólis*.¹¹

O terceiro aspecto que leva o artesão a uma situação “*menor*” diante dos demais cidadãos está na ambigüidade do que produz. Este aspecto pode ser observado nos mitos que apresentam heróis e deuses artesãos. Os relatos de Diodoro da Sicília, Pseudo-Apolodoro, Pausanias, Plutarco e as citações de Homero, Hesíodo e Eurípides apresentam diferentes episódios da vida dos heróis-artesãos Dédalo, Ícaro e Prometeu.

Dédalo foi célebre por seu talento, por sua vida errante e por seus infortúnios. Certos episódios do mito fazem de Dédalo o protótipo do arte-

são, criador das primeiras imagens divinas (*xoanan*), inventor de instrumentos técnicos indispensáveis ao artesanato, arquiteto e engenheiro.¹² Os textos referentes a Dédalo apresentam um fundo mítico nos quais se associam poderes mágicos e técnicos, em particular das “artes” do metal. Existe uma historiografia bem estabelecida em relação aos heróis-artesãos.¹³

Os personagens dos mitos, como Dédalo, Icaro, Palamede e Prometeu, estão primeiramente vinculados a *téchne* e a *métis*. Nos relatos, acompanham os heróis-artesãos as divindades com os mesmos atributos como Athéna, Hermes, Afrodite e Hephaistos. Este fato faz com que as ações dos heróis tenham um plano religioso demarcado e muitas vezes ampliado por uma sacralidade que torna, de certo modo, a atividade artesanal pura ou impura. Por esta razão entendemos por que em Platão aparece uma grande desconfiança em relação ao artesanato e à invenção. Da mesma forma, a atividade artesanal se apresenta de forma depreciativa em Plutarco (Péricles II, 1-2) quando afirma: “...que nenhum jovem bem nascido ou de bem gostaria ser um Phidias ou um Praxitele...”.

Poderemos tentar explicar esta face da ambigüidade do *status* do artesão se começarmos pelo mito de Dédalos e observarmos nos textos a palavra Daídalos que remete a esfera da *téchne e da métis*. Ela se apresenta nos textos como os de Homero (Ilíada, XVIII, 592) e Hesíodo (Theogonia 575 e O Escudo 137, 334, 460) como um personagem, um substantivo, um adjetivo e um verbo – *daidallein*, *daidalon*, *daidaleos* e *polydaidalos*. A maneira pela qual se empregou a palavra (Daídolos), nos diferentes relatos, permitem obter uma série de correlações, por exemplo: substantivo *daídalon* ou *daídala* – aparecem em posição de complemento dos verbos – fazer, forjar, colocar sobre e ver. O substantivo *daídala* aparece como sujeito do verbo reter. O verbo *daídalein* significa fazer ou executar (em Hesíodo – tecer). As relações nominais do adjetivo *daídáleos* e *polydaídalos* determinam os metais e os objetos como: elmo, escudo, carro, armas – todos ligados ao armamento defensivo; numa outra série se liga ao mobiliário – cadeira, cofre, cítara, quarto, tripode, cratera, leito e navio. *Daídala* substantivo se relaciona a jóias – broches, braceletes, colares, brincos, coroas, agrafos e ainda atividades da tecelagem como: véus, roupas e tecidos. *Daídáleos* e *polydaídalos* se apresentam ao lado de outras palavras que indicam belo, brilhante e ainda, bem ajustado, liso, polido, bem polido, colado, entalhado, incrustado, bem trabalhado (principalmente se referindo ao ouro, prata e bronze). Os objetos estão acompanhados dos verbos brilhar, resplandecer e cintilar. Assim

denominados, eles são destinados ao olhar, a ser admirados e para maravilhar. Os usos destes objetos são destinados a: presentes (hospitalidade, casamentos...), oferendas (votivas), prêmios para competições, embelezamento/distinção, botim e tumbas. Estes objetos possuem uma *téchne* e uma *métis* que provocam uma ilusão, denotam um artifício, uma astúcia, uma mentira e uma dissimulação. Homero apresenta, em relação a objetos maravilhosos, como artefatos produzidos por Athena e Hephaistos e por eles transmitidos, o seu modo de fazer, aos seus protegidos artesãos bronzeiros e carpinteiros.

Daidálo, *daidáleo* e *polydaídalos* aparecem em um número grande do objeto. O repertório estabelecido pelos textos de Homero e Hesfodo refere-se a: metal, madeira e tecido. Subdividido em três grupos armas, jóias, mobiliário. As armas são aquelas defensivas, o mobiliário e os tecidos, roupas e bordados são aqueles de luxo.

Todos estes objetos esplendorosos pela *téchne* ou pela *métis*, por exemplo: o trabalho na madeira para a construção de navios; as incrustações das armas, indicam a colaboração de diferentes artesãos como: ferreiros, carpinteiros, ourives e tecelões.

Em Homero e Hesfodo, os objetos materiais que figuram nas diversas categorias de *daidala* assim como os procedimentos artesanais de sua fabricação nos permitem dizer que os *daidala* estão ligados à ordem da *téchne*, da *métis* e da sacralidade, estabelecendo um sistema valores sociais especiais aos artesãos. Nos textos de Aristóteles¹⁴ distingue-se no interior do conjunto de objetos preciosos, aqueles relativos a propriedade individual, cuja categoria é o de *Ktémata* (κτήματα). Ele considerou estes bens como produtos da *techné*, de valores circulantes e de mobiliário. *Ktémata* provém de objetos de *comércio do tipo nobre* e de estreita ligação com a classe guerreira. A noção de *agalma*, conexas à de *daídalos*, entendia-se como objetos preciosos, ligados a: detenção do poder real, objetos talismã, objetos mágicos (destinação divina – uso nefasto para os homens). As armas com poderes apotropaicos são também defensivas, de eficácia protetora, por exemplo, o escudo de Agamêmnon – no qual aparecem as representações: phobos, Eris, Alké e a cabeça da Górgona.

O campo semântico que estabelece a palavra *daídalos* liga-se a dois valores limítrofes: *aíolos* e *poikilos* (αἰόλος - ποικίλος). O termo *aíolos* compreende uma idéia de mobilidade, rapidez e de mudança, denotando um

brilho – por este atributo os objetos podem ser chamados de *daídolon*. O campo de *poikilos* é maior, mas sua associação a *daídolon* é menor. O termo é principalmente usado para o tecido do peplos de Athena. Pode ser também empregado no sentido das diversas cores de fios de um tecido; relevos, tudo que produza luz ou movimento. Objetos *daídala* são belos, luminosos, brilhantes, *cháris* (χάρις) e *agalma*. Esta mesma forma de falar de objeto precioso aparece para indicar a atmosfera de festa e as oferendas aos deuses.

Objetos que imitam a luz e o movimento (luz, movimento naturais captada pela *techné*) são também chamados de *thaúmata* – maravilhas (mágicos). A imitação é reprodução e representação de vida, logo a perfeição da ilusão. Um objeto, que ao mesmo tempo fosse maravilhoso e semelhante – imagem – *eikon* – como jóias cintilantes, armas sonoras, broches palpitantes, eram considerados maravilhas para serem vistos. Neste sentido a palavra *daídala*, no século V, significa objetos para serem vistos, conhecidos como um espetáculo.

Carpinteiros (móveis, naus) ourives e tecelões que produzissem objetos que tomassem o nome de *daídala* significavam que, por sua *métis* e *téchne*, os objetos eram preciosos e maravilhosos. Os valores dos *daídala* estavam no movimento, no brilho, na astúcia, na sedução e na ilusão do olhar.

A *métis* era a capacidade que governava todas as formas de atividade prática do homem diante de um universo ondulante e em mudança. Assim se dizia a *métis* do: piloto das naus, dos carros, do caçador, do pescador, do político e do sofista. Deuses com o atributo da *métis* eram artesãos.¹⁵ Desta forma, Zeus (soberania), Hermes, Aphrodite, Haiphaistos, Athena eram patronos dos artesãos.

Criava-se, pela *téchne*,¹⁶ a ilusão e a imitação do que é vivo. O artesão estabelecia, pela *téchne* e pela *métis*, uma oposição entre natural e artificial; entre exterior e interior; entre aparência e realidade.

O artesão se define como um personagem ambíguo. A ambivalência da *techné* se expressa em oposições que aparecem nos relatos das aventuras dos primeiros artesãos. O artesão, pela *techné* e pela *métis*, anima o inanimado; torna móvel o fixo; cria forma e beleza, logo, o artesão é um fabricante de ilusão.

A economia da Cidade-Estado dos atenienses era o resultado da organização das atividades agrárias, artesanais e comerciais (em curta e longa distâncias). Apesar da diversidade da produção e da especialização das

tarefas, esta sociedade não estava baseada na ética do trabalho.¹⁷ Ela promoveu a valorização do belo, do bom, do justo, da *justa medida*, da palavra, do debate olho no olho, da Verdade, da harmonia, do equilíbrio, da coragem, de se dispor do *tempo livre* para convivência entre os amigos e para participação política ativa, priorizando o bem-estar da *koinonía* e as virtudes dos cidadãos.

O artesão aparece, para a sociedade *políade*, como um prestador de serviço e por isto não era totalmente livre para exercer plenamente o valor considerado de prestígio social – a *scholé*. A riqueza do artesão não era resultado do relacionamento do homem com o ritmo da natureza. Os mitos relativos a heróis-artesãos nos indicam que os mais habilidosos dos artesãos, que possuem a *téchne* e a *métis* produzem ilusões, afastando-se do princípio da harmonia (sociedade/natureza) e da Verdade. Os engenhosos artesãos ainda convivem muito proximamente com as divindades, tornando-se tão ambíguos quanto os seus objetos (puros/impuros).

Esta pesquisa deve ainda prosseguir. Primeiramente havíamos levantado a hipótese de que a organização de festas poderia trazer um certo prestígio aos artesãos. Durante estes dois anos verificamos que a organização das festas fazia parte de uma liturgia e com isto igualava-se de uma certa forma os cidadãos, fossem agricultores ou artesãos. À medida que fomos pesquisando a questão da festa e do sagrado verificamos que o artesão estava muito próximo da divindade e este fato o tornava impuro. A questão das festas ainda precisa ser mais pesquisada para tentarmos compreender como o artesão carrega a mancha da impureza enquanto o agricultor, ao contrário, se torna puro.

Documentação

Observação: A bibliografia usada está nas notas.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1988. (tradução e notas de Mario da Gama Kury); *O econômico*, Paris: Belles Lettres, 1968.

PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993 (tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira).

PLUTARCO. *Solon*. In: Biografos Griegos. Madrid: Aguilar, 1964.

XENOFONTE. *Econômico*. Paris: Belles Lettres, 1949.

¹ Esta pesquisa é patrocinada pelo CNPq através de Bolsa de produtividade. Aproveito a oportunidade para agradecer ao CNPq pelo apoio que vem dando ao Laboratório de História Antiga do IFCS/UFRJ.

² PLUTARCO, *Solon*. XVIII.1-2. “Em segundo lugar, Solon, querendo reservar as magistraturas para os *euporois* e fazer participar o *demos* no governo de que eram excluídos, mandou avaliar os bens de cada cidadão.” Colocou na primeira classe os cidadãos que tinham 500 medimnos de rendimentos anuais em cereais ou 500 metretes em líquidos ou 500 em dracmas – eram os pentacosiomedimnos; a segunda classe compreendiam os que tinham 300 medimnos, metretes ou dracmas eram os hippeis; a terceira classe eram os que possuíam 200 medimnos, metretes ou dracmas e eram os Zeugitas e finalmente a quarta classe dos Thetai que correspondiam os cidadãos que viviam de diárias ou jornadas, aqueles cujos rendimentos eram inferiores a 200 minas.

³ XENOFONTE, *Econômico*. II, 1-8. O diálogo entre Sócrates e Critobulos mostra as obrigações (liturgia) com as quais um cidadão rico deveria manter. II.5. Os mais ricos devem: 1. oferecer freqüentemente grandes sacrifícios se não ficará mal com os deuses; 2. receber muito bem hóspedes estrangeiros (proxenia); 3 – oferecer refeições aos cidadãos que lhe prestem serviços... II.6. a *pólis* ainda impõe: promover o coro de uma das festas; no caso de guerra fornecer armas e navios....

⁴ ARISTÓTELES, *Econômico*. IV, 3.

⁵ No entanto, o que hoje se entende por lucro e por investimento era desconhecido. Os atenienses entendiam como lucro tudo aquilo que vinha do botim da guerra ou o que recebia por troca de presentes ou por prêmios.

⁶ Oficina era chamada de *ergastérion* e a casa de *oikía*. Por exemplo, temos oficinas de olaria, de cunhagem de moedas, de ourivesaria, sapateiros, escultores, mas podemos encontrar na parte da frente de uma casa pintores de vasos, tecelagem, venda de doces e outras atividades.

⁷ *Bánausos* – artesão a serviço de um outro. A palavra conota em alguns textos o sentido de: vulgar, coisa de mau gosto, ou descuidado.

⁸ ARISTÓTELES, *Econômico*. VI.4-7.

⁹ VERNANT, J-P e VIDAL-NAQUET, P. *Trabalho e escravidão na Grécia Antiga*. Campinas: Papirus, 1989.

¹⁰ Em relação ao conceito de trabalho ver: THEML, Neyde. O fabricante de flauta na *pólis* dos atenienses. *PHOÏNIX 2002*, V. 8, PP - 279-306.

¹¹ ARISTÓTELES, *Econômico*. IV, 3. “Estes ofícios, ditos dos artesãos, não deixam nenhum tempo livre (ascholías), para o cidadão dedicar-se aos seus amigos e a sua *pólis*...”

¹² Françoise Frontisi-Ducroux. *Dédale: Mythologie de l'artisan en Grèce ancienne*. Paris, La Découverte, 2000.

¹³ Lévi-Strauss sugeriu que toda interpretação de mitos tivesse por referência a etnografia da sociedade na qual ele provém e do qual inscrever no sistema de representações na qual ele é uma manifestação.

¹⁴ ARISTÓTELES. *Econômico*. I. No livro I, Aristóteles estabelece um vocabulário bem explícito para destacar o que ele entendia por *oikonomía*.

¹⁵ Aparece ligado aos artesãos: Eupalamos significa habilidade manual. Palames (paume) mãos. Palamai – mãos de artesãos espertos. Palamede inventor das letras, alfateto. As Estátuas vivas com olhos – elas são vistas e vêem. – ver e ser visto. Ver Françoise Frontisi-Ducroux em *Dédale*.

¹⁶ *Téchne* significa um saber fazer específico de alguma coisa que depende de um longo e disciplinado aprendizado. *Poiesis* é ação de criar, de transformar a matéria em outra coisa. Ver Marie Delcourt em HÉPHAISTOS ou la légende du magicien. Paris: Belles Lettres, 1982.

¹⁷ ARISTÓTELES. Política. 1268a. 25-38. [...] *a pólis tem necessidade de artesãos (technítas) que vivem de seu ofício (téchnes)* [...].